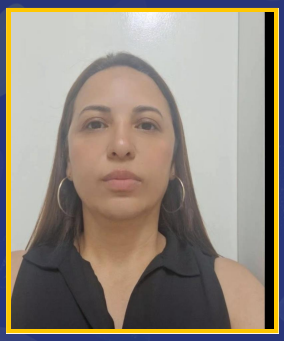
ARTES INDÍGENAS E ENSINO DE ARTES: CONTRIBUIÇÕES PARA UMA EDUCAÇÃO INTERCULTURAL



ROSILENE DA CONCEIÇÃO SILVA SARAIVA

Graduação em Letras pela Faculdade de Filosofia e Letras de Diamantina, FAFIDIA (ano de 2003). Professora de Ensino Fundamental II - Língua Portuguesa - na EMEF Milena Benedicto. Professora na Secretaria Municipal de Educação de São Paulo (SMESP).

RESUMO

A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS NA ERA DIGITAL EVIDENCIA A PERMANÊNCIA DE PRÁTICAS NARRATIVAS TRADICIONAIS AO MESMO TEMPO EM QUE INCORPORA NOVAS FORMAS DE MEDIAÇÃO TECNOLÓGICA. NARRATIVAS ORAIS, LITERÁRIAS E SIMBÓLICAS CONTINUAM SENDO FUNDAMENTAIS PARA A CONSTRUÇÃO CULTURAL E IDENTITÁRIA, PORÉM PASSAM A DIALOGAR COM MÍDIAS DIGITAIS COMO REDES SOCIAIS, PLATAFORMAS AUDIOVISUAIS E TECNOLOGIAS INTERATIVAS. NESSE CONTEXTO, O NARRADOR ASSUME NOVOS PAPÉIS, ADAPTANDO LINGUAGEM, FORMATO E ESTRATÉGIAS PARA ENGAJAR PÚBLICOS DIVERSOS E HIPERCONECTADOS. A MULTIMODALIDADE AMPLIA AS POSSIBILIDADES EXPRESSIVAS, INTEGRANDO TEXTO, IMAGEM, SOM E INTERATIVIDADE, O QUE TRANSFORMA A EXPERIÊNCIA DO RECEPTOR EM ALGO MAIS PARTICIPATIVO. AO MESMO TEMPO, SURGEM DESAFIOS RELACIONADOS À SUPERFICIALIDADE, À VELOCIDADE DA INFORMAÇÃO E À PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA CULTURAL. ASSIM, A NARRATIVA DIGITAL NÃO SUBSTITUI A TRADIÇÃO, MAS A REINVENTA, CRIANDO UM ESPAÇO HÍBRIDO EM QUE PASSADO E PRESENTE COEXISTEM E SE ENRIQUECEM MUTUAMENTE.

PALAVRAS-CHAVE: narrativa digital; mediação tecnológica; tradição oral; multimodalidade; cultura contemporânea

INTRODUÇÃO

A arte constitui uma importante forma de expressão humana, permitindo compreender valores, modos de vida e formas de organização social de diferentes povos. No contexto educacional, o contato com produções artísticas diversas favorece a ampliação do repertório cultural dos estudantes e contribui para o desenvolvimento de uma postura mais sensível e crítica diante das diferenças.

A promulgação da Lei nº 11.645/2008 representa um marco na educação brasileira ao tornar obrigatório o ensino da história e da cultura indígena e afro-brasileira. Tal legislação busca corrigir lacunas históricas no currículo escolar, que por muito tempo privilegiou referências eurocêntricas em detrimento da diversidade cultural que constitui a sociedade brasileira (RUSSO; PALADINO, 2016).

Nesse contexto, o ensino de Artes assume papel relevante, pois possibilita o contato com manifestações culturais que expressam identidades, crenças e formas de ver o mundo. No entanto, ainda é comum a presença de abordagens superficiais sobre as artes indígenas, muitas vezes associadas apenas ao artesanato ou tratadas de maneira homogênea, desconsiderando a diversidade dos povos originários.

Diante disso, este artigo tem como objetivo discutir a importância das artes indígenas no ensino de Artes, destacando suas características, funções e possibilidades pedagógicas, especialmente no campo das artes visuais.

A valorização das artes indígenas no contexto do ensino de Artes configura-se como um caminho essencial para a construção de uma educação intercultural, capaz de reconhecer e respeitar a diversidade cultural presente na sociedade brasileira.

As produções artísticas dos povos indígenas vão além da estética, pois estão profundamente ligadas às suas cosmologias, modos de vida, espiritualidade e relações com a natureza. Assim, inseri-las no currículo escolar significa ampliar a compreensão de arte e romper com uma visão eurocêntrica historicamente dominante.

Nesse sentido, o ensino de Artes pode funcionar como espaço de diálogo intercultural, promovendo o encontro entre diferentes formas de saber e fazer artístico. Ao estudar grafismos, arte plumária, cerâmica, música e outras expressões indígenas, estudantes têm a oportunidade de conhecer outras lógicas de criação e percepção do mundo.

Esse processo contribui não apenas para o enriquecimento estético, mas para o desenvolvimento do respeito, da empatia e da valorização das identidades culturais diversas.

A presença das artes indígenas na educação está alinhada com as diretrizes legais brasileiras, como a Lei nº 11.645/2008, que torna obrigatória a inclusão da história e cultura indígena no currículo escolar.

Contudo, é fundamental que essa inclusão aconteça de forma crítica e contextualizada, evitando estereótipos e abordagens superficiais. Para isso, é necessário investir na formação de professores, na produção de materiais didáticos adequados e, sempre que possível, no diálogo com os próprios povos indígenas.

As contribuições das artes indígenas para a educação intercultural reforçam a ideia de que a escola deve ser um espaço plural, onde diferentes culturas possam coexistir e dialogar de maneira respeitosa. Ao incorporar essas expressões artísticas no ensino, promove-se não apenas o aprendizado sobre os povos indígenas, mas também a construção de uma sociedade mais justa, inclusiva e consciente da riqueza de sua diversidade cultural.

ARTES INDÍGENAS E DIVERSIDADE CULTURAL

Ao abordar as artes indígenas, é fundamental reconhecer que não se trata de uma produção homogênea. Os povos indígenas apresentam grande diversidade cultural, linguística e social, o que se reflete diretamente em suas manifestações artísticas. Dessa forma, falar em artes indígenas implica considerar uma pluralidade de formas de expressão.

Nas sociedades indígenas, a arte está profundamente integrada ao cotidiano, aos rituais e às práticas sociais. Diferentemente da concepção ocidental, que muitas vezes separa arte e utilidade, nas culturas indígenas esses elementos se articulam de maneira indissociável.

Objetos como cerâmicas, adornos e instrumentos não possuem apenas função prática, mas também significado simbólico e estético (RIBEIRO, 1999).

As manifestações artísticas indígenas incluem pintura corporal, grafismos, plumárias, esculturas e produções cerâmicas, entre outras. Esses elementos expressam identidades, pertencimento social e relações com o universo espiritual e natural. Segundo Vidal (1997), as produções gráficas indígenas constituem importantes formas de comunicação, presentes em diferentes suportes e contextos.

A ARTE INDÍGENA NO CONTEXTO ESCOLAR

A inserção das artes indígenas no currículo escolar representa um avanço na construção de uma educação mais inclusiva e plural. No entanto, ainda persistem desafios relacionados à formação docente e à superação de estereótipos que reduzem os povos indígenas a representações simplificadas.

Durante muito tempo, os indígenas foram apresentados como povos do passado, desconsiderando sua presença e atuação na contemporaneidade. Essa visão contribuiu para a marginalização de suas produções culturais, incluindo as artes (RUSSO; PALADINO, 2016).

Nesse sentido, o ensino de Artes pode desempenhar papel fundamental na valorização das culturas indígenas, ao promover o contato com diferentes linguagens e expressões. É importante que esse trabalho seja realizado de forma contextualizada, respeitando as especificidades de cada povo e evitando apropriações inadequadas.

De acordo com Parra e Siqueira (2014), a diversidade de materiais utilizados nas produções indígenas como fibras vegetais, pigmentos naturais, argila e plumas evidencia a relação desses povos com o meio ambiente, aspecto que pode ser explorado pedagogicamente.

GRAFISMO INDÍGENA E ARTES VISUAIS

O grafismo indígena constitui uma das expressões mais significativas das artes visuais desses povos. Caracterizado por padrões geométricos e composições simbólicas, ele está presente em diferentes suportes, como o corpo, objetos e espaços habitacionais.

A pintura corporal, por exemplo, possui forte valor simbólico, sendo utilizada em rituais, celebrações e momentos específicos da vida social. Ela pode indicar pertencimento a determinado grupo, posição social ou fase da vida (RIBEIRO, 1999).

Segundo Vidal (1997), os grafismos indígenas não devem ser interpretados apenas como elementos decorativos, mas como sistemas de significação que expressam a visão de mundo desses povos. No contexto escolar, sua exploração pode contribuir para o desenvolvimento da percepção visual e da compreensão cultural dos estudantes.

A apresentação dos povos indígenas como povos do passado, sem influência na contemporaneidade, ou mesmo como passivos e não como agentes da História do Brasil, leva a uma visão das artes indígenas como um artesanato, um padrão que é apenas repetido, sem nenhuma inovação.

A visão estereotipada dos indígenas, como se formassem um só povo e só tivessem existência no passado, contribui para o entendimento inadequado das artes indígenas.

Nas manifestações artísticas indígenas, observa-se a valorização do aspecto estético como elemento constitutivo da produção cultural. A ideia de beleza, central no campo das artes, também se faz presente nesses contextos, ainda que articulada a dimensões sociais, simbólicas e ritualísticas.

Assim, mesmo quando inseridas em práticas coletivas ou em processos de comunicação entre os membros de um grupo, tais produções mantêm uma intencionalidade estética que dialoga com os valores e significados próprios de cada cultura.

O que percebemos, a partir da observação do autor acima, é que as artes indígenas buscam tanto o belo como a utilidade, seja em momentos ritualísticos, seja na identificação dos indivíduos.

As artes indígenas não são feitas para a mera contemplação, mas participam da vida social dos indígenas.

Estabelecem comunicações sociais, mostrando, por exemplo, momentos da vida do indígena, e cosmológicas, pois a prática dos rituais busca a adequação e o favorecimento dos indígenas pelas forças da natureza.

Como integrar diferentes momentos da vida, as artes indígenas exploram diferentes suportes e materiais: “As formas de manipular pigmentos, plumas, fibras vegetais, argila, madeira, pedra e outros materiais conferem singularidade à produção ameríndia” (PARRA; SIQUEIRA, 2014).

Observa-se que, mesmo tendo elementos e materiais comuns, as artes indígenas diferem de um povo a outro. Entre os estudiosos das artes indígenas, o grafismo logo chama a atenção dos pesquisadores:

Observa-se, pelo trecho citado, que os grafismos indígenas, formados a partir de padrões geométricos e desenhos abstratos, distinguem as artes indígenas. A utilização do corpo como suporte, por exemplo, permite a identidade de um determinado povo e a comunicação social entre os indígenas, indicando posições ou fases da vida do indígena.

No corpo humano que o indígena encontra suporte por excelência de sua pintura, e a tela onde os índios mais pintam, e aquela que pintam com mais primor” (RIBEIRO, 1999).

ARTES INDÍGENAS: SABERES TRADICIONAIS E EXPRESSÕES CULTURAIS

As artes indígenas constituem um vasto campo de saberes tradicionais que expressam as múltiplas formas de compreender, representar e interagir com o mundo. Diferentemente de concepções ocidentais que muitas vezes separam arte, cultura e cotidiano, para os povos indígenas essas dimensões estão profundamente interligadas.

A produção artística é, ao mesmo tempo, prática cultural, espiritual e social, sendo parte integrante da vida comunitária e dos processos de transmissão de conhecimentos entre gerações.

Os grafismos, por exemplo, presentes em pinturas corporais, cestarias e objetos utilitários, carregam significados simbólicos que remetem à história, à identidade e às narrativas de cada povo. Esses elementos visuais não são meramente decorativos, mas comunicam pertencimento, status social e relações com o cosmos.

Da mesma forma, a arte plumária, a cerâmica e as esculturas revelam técnicas refinadas e conhecimentos específicos sobre a natureza, demonstrando um profundo respeito e equilíbrio com o meio ambiente.

Além das expressões visuais, a música, as danças e os rituais também compõem o universo artístico indígena. Essas manifestações são fundamentais para a manutenção das tradições, para a organização social e para a espiritualidade dos povos.

Por meio delas, são transmitidos valores, mitos e ensinamentos essenciais à continuidade cultural. Assim, a arte indígena deve ser compreendida em sua totalidade, como um sistema integrado de saberes e práticas.

No contexto educacional, reconhecer e valorizar as artes indígenas significa ampliar o conceito de arte e promover o respeito à diversidade cultural. De acordo com Barbosa (2003), o ensino de Arte deve favorecer o contato com diferentes matrizes culturais, contribuindo para a formação crítica e sensível dos estudantes. Nesse sentido, incluir as produções indígenas no currículo não é apenas uma exigência legal, mas um compromisso com uma educação mais inclusiva e plural.

Portanto, as artes indígenas representam um patrimônio cultural de grande relevância, cuja valorização é fundamental para a construção de uma sociedade mais justa e intercultural. Ao compreender esses saberes e suas expressões, torna-se possível não apenas reconhecer a riqueza das culturas originárias, mas também questionar visões hegemônicas e promover novas formas de pensar o ensino de Arte e a educação como um todo.

O ENSINO DE ARTES COMO PRÁTICA INTERCULTURAL NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

O ensino de Artes como prática intercultural na educação brasileira constitui um importante instrumento para o reconhecimento da diversidade cultural e para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

Em um país marcado pela pluralidade étnica e cultural, torna-se fundamental que a escola promova o diálogo entre diferentes saberes, valorizando não apenas as referências ocidentais, mas também as produções culturais de povos indígenas, afro-brasileiros e outras comunidades tradicionais.

A interculturalidade no ensino de Artes implica ir além da simples inserção de conteúdos diversos no currículo. Trata-se de promover um verdadeiro encontro entre culturas, no qual os estudantes possam conhecer, respeitar e refletir criticamente sobre diferentes formas de expressão artística e de visão de mundo.

Nesse sentido, o ensino de Artes assume um papel formativo essencial, contribuindo para o desenvolvimento da sensibilidade, da empatia e da consciência crítica dos alunos.

A legislação educacional brasileira reforça essa perspectiva ao estabelecer a obrigatoriedade do ensino da história e cultura indígena e afro-brasileira, por meio da Lei nº 11.645/2008. Essa diretriz busca combater o apagamento histórico dessas culturas e promover sua valorização no ambiente escolar.

No entanto, para que essa proposta se efetive de maneira significativa, é necessário que o ensino de Artes seja contextualizado e comprometido com práticas pedagógicas que respeitem as especificidades culturais de cada grupo.

De acordo com Candau (2012), a educação intercultural deve ser entendida como um processo que reconhece as diferenças culturais como elemento constitutivo da sociedade, promovendo interações baseadas no respeito e na valorização da diversidade.

Aplicada ao ensino de Artes, essa abordagem possibilita aos estudantes ampliar seus repertórios culturais e compreender a arte como uma produção social, histórica e culturalmente situada.

Assim, o ensino de Artes como prática intercultural contribui para a formação de sujeitos críticos, capazes de dialogar com diferentes culturas e de reconhecer a importância da diversidade na construção do conhecimento.

Ao incorporar essa perspectiva, a escola se torna um espaço de transformação social, no qual a arte desempenha um papel central na promoção do respeito, da inclusão e da valorização das múltiplas identidades que compõem a sociedade brasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As artes indígenas desempenham papel fundamental na valorização da diversidade cultural e na construção de uma educação mais inclusiva. Sua presença no ensino de Artes possibilita o contato dos estudantes com diferentes formas de expressão, ampliando sua compreensão sobre o mundo.

A análise realizada neste estudo evidencia a necessidade de superar visões estereotipadas sobre os povos indígenas, reconhecendo a complexidade de suas produções artísticas. Além disso, destaca-se a importância da formação docente para o desenvolvimento de práticas pedagógicas mais consistentes e contextualizadas.

As discussões apresentadas ao longo deste artigo evidenciam que as artes indígenas desempenham um papel fundamental na construção de uma educação intercultural, pois ampliam as formas de compreender a arte, a cultura e o próprio conhecimento.

Ao reconhecer essas produções como expressões legítimas e complexas, a escola contribui para a valorização dos povos originários e para o enfrentamento de visões estereotipadas que ainda persistem no contexto educacional.

Nesse sentido, o ensino de Artes se configura como um espaço privilegiado para promover o diálogo entre diferentes culturas, possibilitando aos estudantes o contato com múltiplas formas de expressão e interpretação do mundo.

A interculturalidade, quando incorporada às práticas pedagógicas, favorece o desenvolvimento de atitudes de respeito, empatia e valorização das diferenças, elementos essenciais para a formação cidadã.

Além disso, a implementação de uma abordagem intercultural no ensino de Artes exige um compromisso com práticas educativas críticas e contextualizadas. Não se trata apenas de incluir conteúdos sobre culturas indígenas, mas de repensar metodologias, materiais e concepções de ensino, de modo a garantir que essas culturas sejam abordadas com profundidade, respeito e autenticidade.

Outro aspecto relevante refere-se à necessidade de formação continuada dos professores, para que estejam preparados para trabalhar com a diversidade cultural de maneira adequada.

O conhecimento sobre as culturas indígenas, suas especificidades e suas produções artísticas é fundamental para que o ensino não se reduza a abordagens superficiais, mas se constitua como uma experiência significativa e transformadora.

Nesta proposta, conclui-se que a valorização das artes indígenas no ensino de Artes contribui não apenas para o enriquecimento do currículo escolar, mas também para a construção de uma sociedade mais justa, plural e consciente de sua diversidade cultural.

Ao promover uma educação intercultural, a escola assume seu papel social de formar sujeitos críticos, capazes de reconhecer e respeitar as diferentes identidades que compõem o Brasil.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, A. M. **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. **Referencial curricular nacional para as escolas indígenas.** Brasília, 1998.

CANDAU, V. M. **Educação intercultural: mediações necessárias**. Rio de Janeiro: DP&A, 2012.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MUNDURUKU, D. **O caráter educativo do movimento indígena brasileiro** (1970-1990). São Paulo: Paulinas, 2012.

PARRA, S. R.; SIQUEIRA, J. R. **Arte-educação e culturas indígenas**. 2014.

RIBEIRO, B. G. **Arte indígena: linguagem visual.** São Paulo: EDUSP, 1999.

RUSSO, K.; PALADINO, M. **A Lei nº 11.645 e a visão dos professores**. *Revista Brasileira de Educação*, 2016.

VIDAL, L. **Grafismo indígena.** São Paulo: EDUSP, 1997.